

Dangerous currents. The state of economics

Thurow, Lester C. *Dangerous currents. The state of economics*. New York, Random House, 1983. 247 p.

CLÓVIS CAVALCANTI *

Livros como *L'anti-économique*, de Jacques Attali e Marc Guillaume (de 1975), ou *Entropy: a new world view*, de Jeremy Rifkin (de 1980), ou *Radical political economy*, de Howard Sherman (de 1972), ou *A critique of economic theory*, editado por E. K. Hunt e Jesse G. Schwartz (em 1972), ou mesmo *Small is beautiful: economics as if people mattered*, de E. F. Schumacher (de 1975), representam significativas contribuições para uma profunda reflexão sobre a natureza da ciência econômica, natureza essa, da economia, tão bem exposta no livro clássico de Lionel Robbins, de 1930, *An essay on the nature and significance of economic science*. À lista vem-se juntar agora a obra do economista Lester C. Thurow, professor do Massachusetts Institute of Technology (MIT), *Dangerous currents. The state of economics*. Trata-se de livro escrito sem a intenção de subverter ou abandonar a tradição do pensamento econômico. A obra, na verdade, como bem lembra Thurow, à p. 236, constitui um modo de pensar alternativo, mas que usa as idéias e categorias dos economistas.

Thurow concentra sua análise em torno do modelo simples de oferta e procura, da teoria econômica convencional, que ele chama de “modelo de preço-leilão” (*price-auction model*), esforçando-se para demonstrar, desde as primeiras páginas do livro, como esse artifício analítico afasta-se da realidade, na maioria dos casos, e como esse esquema de análise revela-se inconsistente com os fenômenos macroeconômicos de desemprego a taxas elevadas, de inflação renitente e de produtividade em declínio (nos

* Do Instituto de Pesquisas Sociais da Fundação Joaquim Nabuco.

Estados Unidos, a partir de 1965, depois de um século de tendência ascendente). A crítica de Thurow parte da constatação de que, em economia, a parte de prescrição é dominante sobre a de descrição, enquanto o inverso é verdadeiro nas outras ciências sociais (sociologia, psicologia) que estudam o comportamento humano real (p. 216). Em economia, por exemplo, prevalece uma hipótese de conduta do indivíduo — a de racionalidade do consumidor, entendida como maximização de utilidade (bem-estar, prazer, felicidade) — que, comum a todas as ciências sociais no século XIX, foi desde há muito rejeitada por sociólogos e psicólogos, os quais preferem atribuir ao homem a natureza de um animal social, laborioso, utilizador de ferramentas e instrumentos exossomáticos.

Para o economista, explica Thurow, ações humanas observadas que não sejam maximizações racionais (um sindicato de trabalhadores, *v. g.*) classificam-se como “imperfeições de mercado” e não figuram na interpretação que o modelo econômico básico proporciona, ou seja, se o homem não age como maximizador de utilidade, de renda, não é o *homo oeconomicus* que interessa ao economista. Cumpre à análise econômica, então, corrigir os desvios assinalados e devolver o indivíduo à sua condição de ser que procede “racionalmente”. A atitude crítica de Thurow desenvolve-se da verificação (que ele faz) de que, em face do atual estado de enfermidade das economias mundiais, manifestam-se as opiniões mais disparatadas, o caos intelectual mais completo, no universo da análise dos economistas. Estes, dividindo-se em keynesianos, monetaristas, estruturalistas, *supply-siders* (cujas projeções aumentou devido à sua influência no governo Reagan), defensores das “expectativas racionais”, economistas do trabalho, darwinistas — os marxistas não são mencionados —, não encontram um denominador comum para suas prescrições. E o resultado é que os economistas, que tiveram, segundo Thurow (p. 29), sua idade de ouro na primeira metade dos anos 60, saíram da capa da revista *Time* para uma condenação geral por seus fracassos na proposição de remédios para os males da economia mundial, dos quais o mais sério seria o da “estagflação”.

No primeiro capítulo do livro, “Preços fixos *versus* preços flexíveis”, Thurow (p. 4) argumenta que a economia-ciência convive com uma contradição interna fundamental: “o que é ensinado na microeconomia convencional é incompatível com o que é ensinado em macroeconomia”, ou seja, na primeira, todos os mercados — que são do tipo preço-leilão — estão sempre em equilíbrio, não havendo recursos subempregados, enquanto a macroeconomia é basicamente o estudo de mercados que não alcançam o equilíbrio. Pelo caminho da microeconomia concluir-se-á que

ou bem a inflação não pode existir ou não tem maior significado. Thurow demonstra que a econometria — com seus resultados dúbios, às vezes servindo para comprovar teorias conflitantes — nada oferece que solucione a contradição macro-micro. É que os economistas, como ele próprio afirma (p. 16), socorrem-se sempre de “variáveis não-observáveis” — ausentes, pois, nos modelos econométricos — para justificar divergências entre a teoria — que seus defensores consideram sempre correta — e a realidade. No mercado de trabalho, por exemplo, segundo a microeconomia, diferentes indivíduos com iguais qualificações terão salários iguais. Não há no mundo real, contudo, tal homogeneidade de resultados. Explicação do economista: variáveis não-observadas — no caso, o desejo de assumir riscos — responderiam pelas discrepâncias. “Mas como ninguém sabe como medir o ‘desejo de assumir riscos’, esta não é uma explicação que possa ser definitivamente provada ou refutada. Ou se acredita nela ou não” (p. 16).

Uma visão do papel do economista como orientador — melhor seria dizer desorientador — do público e figura influente na formulação de políticas é proporcionada no Capítulo 2, que trata de mostrar os enormes insucessos das previsões e prescrições feitas pelos profissionais da economia. Um desses fracassos monumentais foi a impossibilidade de se anteciparem choques de preços de energia e de grãos, registrados na década de 70. Outro fracasso é a proteção contra a inflação sugerida pelos economistas: ações de bolsa. Segundo Thurow (pp. 38-9), de 1968 a agosto de 1982 o valor médio das ações nos Estados Unidos caiu 54% de acordo com o índice da Bolsa de New York e 65% em termos da média do índice Dow Jones. Thurow analisa o problema da inflação (Capítulo 3) para mostrar que somente uma recessão brutal e arrasadora é capaz de fazer conter a inflação. Para esta não serviriam os planos de estabilização ortodoxos, baseados na tautológica teoria quantitativa da moeda (pp. 62-5). Na verdade, a conclusão de Thurow (p. 103) é de que a ciência econômica não tem cura certa, precisa e eficaz para o fenômeno do aumento inflacionário dos preços. Nisso estaria um de seus fracassos — em pleno desacordo com a conclusão otimista do modelo de preço-leilão de que a inflação, como é conhecida, é algo que não pode existir.

A importância dos choques estocásticos no sistema econômico é examinada no Capítulo 4, “Econometria”, à luz da tendência ao determinismo — e à rejeição dos choques aleatórios — que impera nos modelos econométricos. No Capítulo 5, “Economia do lado da oferta”, Thurow inspeciona essa linha de interpretação econômica, concluindo que ela representa o triunfo da teoria do equilíbrio literal e sem qualificações a que o mo-

delo de oferta e demanda necessariamente conduz (p. 141). A escola das expectativas racionais é objeto do Capítulo 6 e a da economia do trabalho constitui o assunto dominante do Capítulo 7. A obra, que é item obrigatório na agenda de leitura dos economistas, se encerra com um capítulo, o oitavo, voltado para a reconstrução das fundações da economia. Fazendo lembrar o pensamento de Joan Robinson, em *Teaching economics* — reproduzido por Attali e Guillaume em *L'anti-économique* (Paris, Presses Universitaires de France, 1975, p. 9) —, de que “Durante muitos anos eu trabalhei como professor de economia teórica. Gostaria de crer que ganhei minha vida honestamente; mas, freqüentemente, tenho dúvidas”, o fecho do livro de Thurow é um chamamento à humildade por parte dos economistas. O autor recorda (p. 106) que a revolução que Paul Samuelson ajudou a deflagrar, com a publicação em 1947 de seu *Foundations of economic analysis*, destinava-se a desnudar hipóteses econômicas e a conferir a consistência interna das conclusões que resultam dessas mesmas hipóteses. No entanto, a fabricação de modelos econômicos pouco a pouco assumiu uma finalidade em si própria, o que contribuiu para a enorme projeção e popularidade que o modelo de preço-leilão conquistou — convertendo-se mesmo em um paradigma —, com sua capacidade de fácil matematização. Urge reverter tal processo. Para Thurow (p. 219), o problema básico da economia é ir ao encontro da realidade através de modelos que sejam relevantes — mesmo que não possam ser matematizados. Na verdade, eles não têm que sê-lo. Padrões de socialização, história cultural e étnica, instituições políticas e até os caprichos humanos não podem ser afastados de consideração, como faz o economista da doutrina do preço-leilão (p. 226). De fato, qualquer teoria, “para ser válida e frutificadora”, deve ter raízes que correspondam a uma realidade externa, e não a uma consistência matemática interna rigorosa e lógica (p. 232), ou seja, “A economia não pode ser, como querem alguns, uma ciência matemática dedutiva autocontida” (p. 226). Deve-se ler o livro de Thurow para concluir assim com ele. E — quem sabe? — para poupar de maiores sofrimentos a população, principal cobaia dos profissionais de economia.

Apesar de seu indiscutível valor como contribuição para o esforço — que deve ser permanente — de revisão teórica da economia, o livro de Thurow contém importantes lacunas. Uma delas é não dar importância à questão ambiental — tema totalmente desprezado pela análise econômica convencional. Neste ponto, Thurow encontra-se afinado com a tradição de miopia e mesmo cegueira dos economistas. Outra lacuna, que

também faz de *Dangerous currents* uma obra enquadrada no pensamento econômico dominante, é a suposição — que, embora não seja exposta declaradamente, encontra-se subjacente no livro — de que o crescimento é sempre uma coisa boa e possível. Aqui, se Thurow demonstrasse conhecer as contribuições de N. Georgescu, H. Daly e J. Rifkin, por exemplo, não poderia haver surpresa quanto ao fato assinalado no livro no sentido de reversão da tendência histórica secular de crescimento da economia americana a partir de 1965. Na verdade, os economistas raciocinam mecanicamente a respeito do sistema econômico e, com isso, ignoram os efeitos que tem sobre a economia a segunda lei da termodinâmica. Finalmente, outro importante vazio do livro de Thurow é a omissão do pensamento marxista, muito embora se possa alegar que a teoria do preço de Marx esteja em linha com o ponto de vista neoclássico, como diz Howard Sherman, em *Radical political economy* (New York, Basic Books, 1972, Apêndice 1). Esta última omissão é compreensível, na medida em que o livro toma como caso para estudo a economia americana. Incompreensível, porém, é a enorme quantidade de erros de revisão que o livro contém, merecedora de uma lista de *errata*, ocorrência incomum numa obra publicada por editora dos Estados Unidos.

Pesquisa e planejamento econômico. v. 1 —

n. 1 — jun. 1971 — Rio de Janeiro,
Instituto de Planejamento Econômico e Social, 1971 —

v. — quadrimestral

Título anterior: Pesquisa e Planejamento v. 1, n. 1 e 2, 1971.
Periodicidade anterior. Semestral de 1971-1975.

1. Economia — Pesquisa — Periódicos. 2. Planejamento
Econômico — Brasil. I. Brasil. Instituto de Planejamento Eco-
nômico e Social.



CDD 330.05

CDU 33(81) (05)

ERRATA

Ao artigo de Edmar L. Bacha, "Choques externos e perspectivas de crescimento: o caso do Brasil — 1973/89", publicado em **Pesquisa e Planejamento Econômico**, **14**(3):583-622, dez. 1984.

- 1) Na Tabela 2, p. 592, na coluna referente ao ano de 1983, há cinco números incorretos, a saber:

onde se lê:	leia-se:
5,60	5,31
3,47	3,19
0,61	0,60
— 1,45	— 0,21
0,25	0,99

- 2) Na p. 601, linha 19, onde se lê "importações", leia-se "exportações".

